



Centro de
Referência
do Futebol
Brasileiro

Relato de Campo

Final Copa Pirituba

Data: 04/12/11

Pesquisadores: Nahema Falleiros e Paulo Nascimento

Redator: Paulo Nascimento

Revisora: Nahema N. Falleiros, Vivian Brito e Paulo Nascimento

Resumo

A Copa Pirituba é um dos eventos que mais mobiliza os times da várzea da zona oeste da cidade de São Paulo, bem como de cidades próximas a esta região, como Osasco – que inclusive esteve representada na final do campeonato.

Como parte das atividades do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) foi feita uma visita ao CDC Pirituba, localizado no bairro de mesmo nome, na avenida Agenor Couto de Magalhães. Na ocasião, um dos pesquisadores foi informado que o local sediaria a final da Copa Pirituba e que se tratava de importante evento do futebol de várzea da região. A equipe do CRFB então organizou-se para realizar a cobertura da final da Copa Pirituba.

A final do evento foi realizada em 4 de dezembro de 2011, quando a equipe do CRFB voltou ao CDC Pirituba com o intuito, sobretudo, de observar. As conversas registradas pelos pesquisadores foram informais e não foi feita nenhuma entrevista formal com os presentes.

Relato

Era um domingo e os pesquisadores do CRFB chegaram ao Clube Escola Pirituba por volta das 11h. Havia uma tímida concentração de pessoas no entorno do local, algumas paradas, outras em trânsito, bebendo e ensaiando alguns passos de dança. Em uma vista panorâmica do campo foi possível visualizar uma faixa no alambrado que separava a arquibancada da torcida do campo, faixa esta destacada naquele cenário, com as seguintes informações: “Copa Pirituba comemorativa ao aniversário de Pirituba. Apoio: Casa de Carnes Paulinho”.

O Clube Escola Pirituba é de grandes dimensões quando comparado aos seus equivalentes: sua infraestrutura oferece piscinas, quadras poliesportivas, salões para a prática de atividades – que vão do judô a danças –, e o campo de terra para o futebol, com área total de cerca de trinta e dois mil metros quadrados. Ainda nos arredores, mais precisamente em frente à entrada principal, foi possível perceber, nos minutos que antecederam a final da Copa Pirituba, que a permissão para a entrada de veículos ao Clube era seletiva. Polícia Militar e carros oficiais do Legislativo eram autorizados, em detrimento da demanda da torcida, também interessada em guardar seus carros ali.

Um potente equipamento de som, no qual eram tocadas músicas de cantores como Luan Santana, Ivete Sangalo e Fernando e Sorocaba fazia com que o som fosse ouvido mesmo do lado de fora do Clube. A grande quantidade de pessoas vestindo camisas do Corinthians era notória, assim como também (em menor quantidade, mas nem por isso desprezível) foi possível notar torcedores do Palmeiras e do São Paulo devidamente trajados. Um torcedor do Fluminense vestindo a camisa de seu time foi visto também.

A torcida da equipe visitante, Força Jovem, foi a primeira a chegar e tomou a parte esquerda da arquibancada. Alguns minutos depois surgiu a torcida do time da casa, o Saloá, maior e mais barulhenta. O equipamento de som do local continuava funcionando em toda sua potência. Foi possível ouvir de um torcedor, que se esmerava em fazer mais barulho ao tocar seu bumbo na bateria de um dos times, a seguinte provocação: “tira essa música de corno!”. Em algumas camisas do Saloá, lia-se uma reapropriação da sigla

LHP: o P, que na sigla original é sigla para “Procedimento”, ali denotava Paz. Aparentemente, o principal critério para a ocupação dos espaços nas torcidas era a sombra. Ambas as torcidas eram formadas principalmente por homens. As bebidas consumidas eram Coca-Cola, cervejas Brahma e Itaipava, suco Ponchito e água em garrafas plásticas de 500 ml. De comes, o que pôde ser visto foram vários pacotes dos salgadinhos Torcida e Fofura. Havia também sorvetes: de palito, de massa e de iogurte.

Os contatos feitos pelos pesquisadores do CRFB, antes da ida ao campo, informaram sobre a apresentação da banda da Polícia Militar que executaria o hino nacional brasileiro, marcando a abertura das atividades prevista para pouco antes das 12h.

A última rodada do Brasileirão – na qual o Corinthians empatou com o Palmeiras sagrando-se campeão – aconteceu no mesmo domingo da final da Copa Pirituba: dia 4 de dezembro de 2011. Data também marcada pela morte do ex-jogador Sócrates. Seu falecimento foi anunciado antes do minuto de silêncio determinado por Cleto ¹, mestre de cerimônias cuja performance lembrava ora o apresentador de TV Silvio Santos, ora o jornalista e também apresentador José Luiz Datena.

Cleto conduziu o evento com disciplina militar, orientando jogadores, torcedores e demais presentes sobre o que fazer. Sem delongas, exigiu silêncio dos presentes durante a execução do hino nacional, sob a alegação de que independente de crenças religiosas e demais partidarismos, “temos a obrigação de respeitar e amar essa terra”. Anunciou ainda que aquela final também celebrava o aniversário do bairro como parte de mais uma atividade que marcava também uma reivindicação “do bairro”: a construção de uma ponte sobre o rio Tietê para ligar diretamente a Avenida Raimundo Pereira de Magalhães (uma das principais vias de Pirituba) à Lapa.

Entre um ufanismo bairrista – “o mais belo bairro da cidade” –, um pedido de apelo emocional – “pedimos que 5 crianças do Saloá e 5 do Força Jovem apareçam para entrar com a bandeira” – e algumas repreensões – “foi feito um acordo para não soltar fogos, quem quiser soltar que vá lá longe”; “quem for fotografar que entre pela outra ponta” –, Cleto parecia estar à vontade em seu exercício.

1 Os pesquisadores do CRFB apenas descobriram o nome do mestre de cerimônias quando estavam partindo, enquanto se despediam de todos.

Aliás, um dos pontos que a Copa Pirituba apresentou de mais específico foi justamente o controle espartano exercido sobre o seu desenrolar por esse mestre de cerimônias. Era como se todos estivessem em um set de filmagens: as torcidas eram ora estimuladas, ora constrangidas, via microfone e sistema de som, para interromperem ou retomarem o batuque de suas baterias.

Em determinado momento, tal interrupção foi feita para que a presença de um dos vários vereadores que ali estava presente fosse anunciada. As equipes foram orientadas a se perfilar de outra maneira, de modo que ficassem em posições mais adequadas para registro fotográfico com a presença de outro vereador. Depois da pose para as fotos oficiais, houve um princípio de dispersão e distensão por parte dos jogadores. Mas o relaxamento não durou muito tempo, pois mais uma pose seria solicitada, sob a justificativa de que na fotografia anterior os políticos não tinham sido enquadrados sob um ângulo que lhes privilegiaria – ângulo este pensado sob medida para que a foto fosse publicada na Internet. Marco Aurélio Cunha (PSD) e Eliseu Gabriel (PSB) eram 2 dos vereadores presentes, sendo o último identificado como representante de longa data do bairro.

Um locutor e um comentarista, com o providencial suporte do sistema de áudio montado para o local, garantiram a narração do jogo ao vivo, reproduzindo, cada um à sua maneira, a performance que marca seus equivalentes nas transmissões de rádio e TV: a velocidade acelerada na locução do jogo, o grito de gol que se prolonga, as entrevistas feitas no intervalo do jogo com os jogadores esbaforidos, revisitando os mesmos lugares-comuns que os telespectadores veem e ouvem. Quanto ao jogo propriamente dito, quem dominou as ações no primeiro tempo foi o Saloá, embora o Força Jovem tenha inaugurado o placar. O primeiro tempo do jogo terminou empatado.

Uma breve caminhada pelo entorno do campo feita por um dos pesquisadores do CRFB, durante o intervalo, permitiu registrar a tranquilidade presente entre os diversos grupos sociais que formavam as torcidas. Também foi possível notar o que compunha o lixo espalhado pelo chão: maços de cigarro, garrafas plásticas de suco e de água, caixinhas plásticas de pastilhas Tic-Tac. O tempo do intervalo do jogo aparentemente fez com que a procura pelo comércio dos arredores do Clube aumentasse.

Às 12h48 o segundo tempo recomeçou e exatamente às 13h06 o Saloá fez o segundo gol. Era notório que os torcedores mais atentos ao desenrolar

da partida eram aqueles que se aglomeravam próximo aos alambrados. Em um ponto diametralmente oposto à arquibancada notava-se a beleza estética da torcida do Saloá, com seus 2 bandeirões tomando o espaço físico e seus cantos conquistando os ouvidos, as mentes e os corações dos mais e dos menos empolgados que ali estavam. Também desse lado percebeu-se um princípio de confusão entre as 2 torcidas. Mesmo com a aproximação de um dos pesquisadores ao ponto nevrálgico do conflito não foi possível identificar o que levou aqueles torcedores ao confronto.

Evidente foi a intimidação ostensiva de alguns torcedores do Saloá aos jogadores do Força Jovem, torcedores que não se furtaram de instigar agressivamente também os torcedores adversários, mesmo quando desestimulados por seus pares. “Vocês vão sair daqui na base da porrada, lá fora”, foi uma das frases ditas. Houve um torcedor que saiu da parte onde a torcida se concentrava e passou a ocupar um corredor, em frente à arquibancada, para ficar à dianteira da torcida do Força Jovem, talvez para que o conflito, que já era claro, se tornasse incontornável. Seis policiais, dentre eles uma mulher, estavam a serviço do evento e talvez por perceberem que as lideranças das torcidas se anteciparam para dirimir o conflito, em nada interferiram.

Cessado o confronto, os torcedores mais inflamados do Saloá mudaram o alvo, redirecionando sua paixão aos jogadores do Força Jovem, que responderam às agressões posando com altivez daquele momento do jogo em diante, em uma postura que sugeria um misto de arrogância, cinismo e prontidão para o embate.

Às 13h28 o árbitro decretou o término do jogo. O locutor oficial anunciou o final da partida e, em seu discurso, demonstrou atenção não apenas em dar por encerradas as atividades, mas também ao que se seguiria dali em diante: “nada de violência, mas sempre fazendo novos amigos”. Para a cerimônia de premiação, voltou-se ao imperativo do máximo controle possível das ações de todos, que foi intenso no início do evento. A vontade de muitos dos que ali estavam, sobretudo dos campeões, era seguir a esmo, exultantes, celebrando a vitória; contudo, os ânimos foram devidamente acachapados pelo mestre de cerimônia, preocupado principalmente com as fotos que precisavam ser tiradas e os anúncios que tinham que ser feitos. Para tanto, não titubeou: “pessoal, agora é hora de ouvir”, “parte de vocês, depois, vai fazer o seu

batuque, agora é hora de aplaudir”; “vamos fazer a pose de novo que a gente quer foto”. Com tanto ímpeto para governar as ações que se desenrolariam, era de se esperar que Cleto não visse com bons olhos os torcedores que pularam algumas grades do campo e os jogadores do time que há pouco havia se tornado campeão. Grudado ao microfone e aos gritos de “chega de palhaçada!”, impôs a retirada dos torcedores.

Pelo portão principal, quando os pesquisadores do CRFB saíram do Clube Escola Pirituba, passou uma lotação de linha com a torcida do time, rumo a sua sede, onde a festa para comemorar o título aconteceria. Não foi difícil constatar que naquela lotação estavam os torcedores do time recém-campeão. Eram muitos os braços para fora do veículo, que se movimentavam de acordo com o batuque da bateria. Havia também o letreiro “bicampeão”, que substituíu o que convencionalmente indica o destino final da lotação. Ali, os passageiros-torcedores pareciam mais livres do que minutos antes.